

A MÚSICA NA ESCOLA: SONS E MELODIAS QUE PERMEIAM O PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR NUMA ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL EM CURITIBA

Magali Dias¹
Rosemyriam Cunha²

RESUMO: Esta pesquisa teve por objetivo estudar as atividades musicais e musicoterapêuticas desenvolvidas em uma escola de ensino fundamental em Curitiba, a qual tem em seu quadro discente alunos de inclusão e/ou com necessidades especiais. Em virtude de estudar esses alunos, o projeto desta pesquisa foi encaminhado ao Comitê de Ética do Instituto Brasileiro de Terapias e Ensino (IBRATE) conforme protocolo nº 99/2009 e aprovado na íntegra conforme Of. CEP 047/09 de 25 de junho de 2009. Para este estudo foram aplicados e analisados protocolos de observação, nos quais se registraram as reações físicas, cognitivas e emocionais dos alunos no decorrer das atividades e interações musicais. Os resultados mostraram que a música, em virtude da mediação na comunicação em musicoterapia, possibilitou formas abertas e alternativas de expressão sonora, afetiva e cognitiva. Percebeu-se ainda que tanto nas aulas de música como nas sessões de musicoterapia o desempenho e a comunicação apresentaram níveis significativos, porém, diferenciados.

PALAVRAS-CHAVE: Musicoterapia; música; inclusão.

INTRODUÇÃO

A inclusão de alunos portadores de necessidades especiais na escola de ensino regular tem sido um tema presente nas reflexões a respeito da rotina escolar. Entram nesses debates temas como a capacitação dos professores, o preconceito em relação ao diferente e as condições gerais das escolas para receber e conviver com os estudantes em processo de inclusão (NEVES; MENDES, 2001).

Os objetivos das práticas de inclusão, de forma geral, direcionam-se para a

¹Graduada em Administração de Empresas e Especialização em Controladoria Financeira, Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas/SP; Contabilidade, Faculdade Tibiriçá/SP. Especialização em Práticas Pedagógicas, UNICEMP; Especialização em Educação e Saúde, UNIFAE; Quartanista do curso de Musicoterapia da FAP. Email: mgldias@hotmail.com

² Licenciada em Música, Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Musicoterapeuta, Faculdade de Artes do Paraná. Especialista em Psicopedagogia, UFRJ. Mestre em Psicologia da Infância e da Juventude, UFPR, Doutora em Educação, UFPR.

promoção do desenvolvimento, autonomia e qualidade de vida das pessoas portadoras de dificuldades motoras, sensoriais e cognitivas. É provável que professores envolvidos em práticas inclusivas, passem a buscar por alternativas educacionais e terapêuticas que os auxiliem no desenvolvimento dessas práticas e que favoreçam a aquisição de conhecimentos, o desenvolvimento social e afeto-emocional dos alunos portadores de necessidades especiais.

Neste sentido, as atividades que envolvem a linguagem musical, passaram a despertar interesse nas escolas inclusivas, como meios para se encontrar canais de comunicação com os alunos, facilitar a apropriação de conteúdos didáticos e possibilitar a expressão de elementos psíquico-emocionais. Acredita-se que as atividades musicais podem transmitir valores culturais e ajudar na construção de formas de interpretar o mundo e assim colaborar com o desenvolvimento global do aluno (SEKEFF, 2002).

As escolas passaram a conviver com múltiplas situações no que se refere à utilização da música. A arte dos sons pode assumir o papel do recurso disparador de ações educativas como também pode ser um meio terapêutico que vise à expressão de pautas afetivo-emocionais. O uso da música na escola pode influenciar o bem estar dos alunos e a qualidade das relações de ensino-aprendizagem. As formas e maneiras pelas quais a escola faz uso da música devem ser conhecidas para que se ampliem as possibilidades de utilização de sons, ritmos e melodias nos processos de ensino-aprendizagem.

O CAMINHAR DA MUSICOTERAPIA NA ÁREA DE INCLUSÃO

A partir de pesquisa realizada na Biblioteca da Faculdade de Artes do Paraná, em setembro e outubro de 2008, fez-se um levantamento dos trabalhos publicados, dentro do período de 1968 até a atualidade, que abordaram a prática da musicoterapia nas escolas, com crianças especiais e na inclusão. Os artigos encontrados estão representados na Tabela 1, abaixo. Esta tabela foi organizada para mostrar os estudos da seguinte forma: categorizados cronologicamente, pelo tema, autor e tipo de estudo. As publicações foram encontradas em anais de fóruns, revistas científicas especializadas e periódicas reconhecidos.

QUADRO 1 – CARACTERIZAÇÃO DO ACERVO DE REVISÃO, SEGUNDO AUTOR, ANO, TIPO DE ESTUDO - 1968 – 2008.

TEMA	AUTOR/ANO	TIPO DE ESTUDO
Música, Ed. Musical e Musicoterapia Musicoterapia, Educação Musical Especial	1) Michel, 1968/78	Relato de caso
	2) Santos, 2008	Tese em andamento
Musicoterapia e Educação Musicoterapia e Educação Musicoterapia e Educação	1) Santos, 1974	Relato de estágio
	2) Franco, 1976/77	Relato de caso
	3) Lagares e Cupolillo, 2000	Relato de caso
Musicoterapia e Educação	4) Alberton, 2002	Relato de caso
Musicoterapia e Educação Especial	1) Welbel, Duarte e Cavalcante, 2001	Relato de caso
Musicoterapia e Educação Especial	2) Anais V Fórum PR. Musicoterapia, 2003	Mesa redonda
Musicoterapia e Educação Especial	3) Nascimento, 2006	Relato de caso
Musicoterapia, Expressão Corporal e Educação Infantil	1) Jeandot, 1996	Workshop
Política Educacional e Musicoterapia	1) Stival, 2002	Relato de caso
Musicoterapia e Inclusão	1) Braga, 2006	Relato de caso
Musicoterapia e Inclusão	2) Gomes, 2008	Artigo de Conclusão de Curso
Musicoterapia e Aprendizagem	1) Brasil, 2008	Artigo científico

FONTE: Modelo de quadro adaptado do artigo Sexualidade e o adolescente com deficiência mental – uma revisão bibliográfica, de Olga M. Bastos e Suely F. Deslandes – Instituto Fernandes Figueira. olgab@iff.fiocruz.br.

A revisão de literatura existente sobre o tema em estudo mostrou que a produção literária que versa sobre a musicoterapia e a inclusão e a musicoterapia na área de educação é escassa. Embora a musicoterapia tenha iniciado seu campo de prática no âmbito escolar, no Paraná, na área de Educação Especial, os registros escritos das atuações dos profissionais são raros. Esse fato leva a considerar que:

a) a produção de conhecimento científico e os relatos de pesquisa que mostrem os dados e os resultados do trabalho musicoterápico é uma construção recente.

b) os fundamentos teóricos e epistemológicos da musicoterapia estão sendo estabelecidos na medida em que os estudos e investigações se ampliam.

c) a valorização da prática da musicoterapia depende da divulgação dos profissionais da área no que tange à elaboração de pesquisas, aplicação de metodologias de investigação, análise e registro dos dados empíricos em textos para publicação.

A MÚSICA NA ESCOLA. SONS E MELODIAS QUE PERMEIAM O PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR

Esta pesquisa foi realizada em uma escola de ensino fundamental em Curitiba. O grupo de participantes estudado representa um recorte do corpo de alunos desta instituição de ensino e que são considerados em situação de inclusão. Porém, esse grupo de alunos se tornou representativo na medida em que participaram diariamente das atividades escolares e, desta forma, expressaram, na rotina da vida escolar, as estratégias que construíram para conviver, aprender e assumir o protagonismo de suas ações.

Nesta escola, as crianças com necessidades especiais, além do atendimento pedagógico, recebem atendimento na área de psicomotricidade, aulas de arte terapia e atendimento individualizado em musicoterapia. Nos atendimentos de musicoterapia, busca-se assistir crianças com dificuldades de aprendizagem, sejam elas portadoras ou não de deficiências físicas e/ou mentais. O atendimento é feito por meio das técnicas musicoterápicas, da apropriação dos ensinamentos de musicalização e dos estímulos sonoros. Os atendimentos são individuais e/ou em grupo e visam o melhor desenvolvimento físico, psíquico, emocional, social do aluno, como também mudanças positivas no ambiente escolar.

A partir da reflexão a respeito da experiência profissional da pesquisadora, que há seis anos vivencia a realidade da escola inclusiva, é que o presente trabalho passou a ser planejado e desenvolvido. O objetivo delineado foi o de contribuir para a descrição e análise dos processos e da prática musicoterápica nas escolas de ensino fundamental que acolhem em seu quadro alunos com necessidades especiais.

METODOLOGIA E RESULTADOS DA PESQUISA

Esta pesquisa, de caráter qualitativo, pretende descrever elementos originados em intervenções sob a ótica fenomenológica de acordo com o pensamento de Husserl e dos livros sobre metodologia de pesquisa das professoras Edna L. Silva: Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação (2001); Cristiane S. Rufino e Maria I. Miranda: Artigo *on line*- A contribuição da Pesquisa de Intervenção para a Prática Pedagógica (acesso em fevereiro de 2009). Os dados foram construídos a partir dos fatos registrados, em protocolos de observação organizados pelas pesquisadoras, e que versavam sobre as manifestações de oito alunos em interações musicais em aulas de educação musical e em sessões de musicoterapia. O protocolo constava de eixos relativos às reações físicas, cognitivas e emocionais destes alunos. No total foram observadas quarenta e nove sessões musicoterapêuticas e cinquenta e

nove aulas de música. O número de aulas de música consideradas nesta pesquisa difere da quantidade de sessões musicoterapêuticas devido à ocorrência de feriados e recessos escolares durante o período de tempo destinado à observação.

Foram encaminhados para o atendimento de musicoterapia doze alunos de inclusão ou com necessidades especiais. A fim de diferenciar os alunos com possibilidades de aprendizagem e desenvolvimento escolar, neste estudo utilizou-se o termo aluno de inclusão para aqueles que tinham possibilidades de acompanhar e assimilar o conteúdo básico exigido pela legislação para aprovação dos mesmos no final de cada ciclo. Todo o material destes alunos era apenas adaptado (em forma ou tamanho), para sua utilização.

Os alunos chamados de portadores de necessidades especiais freqüentavam a escola para vivenciar interações e situações sociais e recebiam orientação e estímulos diversos através de atividades desenvolvidas individualmente ou em grupo na sala de recursos da Instituição. O seu material escolar era individualizado.

Dos alunos encaminhados para atendimento musicoterápico, oito foram selecionados para esta pesquisa, por cursarem o primeiro ciclo do ensino fundamental. Deste conjunto sete são meninos e uma é menina. Cinco deles cursavam o 2º ano e três eram alunos do 3º ano do primeiro ciclo. Do conjunto de alunos do 3º ano do primeiro ciclo, aqui observados, dois estavam diagnosticados com transtorno de hiperatividade e desenvolvimento invasivo (THDI) e transtorno e déficit de aprendizagem (TDA), um foi diagnosticado com Síndrome de Down e no presente contexto foram considerados alunos de inclusão.

Os outros participantes estavam matriculados e cursando o 2º ano do primeiro ciclo. Destes, dois eram alunos com necessidades especiais (um deles, portador de Síndrome de Ellis-van Creveld e o outro diagnosticado com Convulsões Febris e Hipoplasia do Esmalte dentário – Amelogênese Imperfeita) e três eram alunos de inclusão (um com Paralisia Cerebral Motora – Diplegia Assimétrica, um diagnosticado com portador da Síndrome do X Frágil e o terceiro com Transtornos Globais do Desenvolvimento - Autismo Infantil).

Frente à realidade do campo de pesquisa optou-se por realizar um estudo exploratório que mostrasse as manifestações emocionais, cognitivas, motoras destes alunos em duas atividades distintas: sessões de Musicoterapia (individuais) e aulas de Educação Musical (situação observada em grupo de sala de aula).

RESULTADOS ENCONTRADOS A PARTIR DAS OBSERVAÇÕES PROTOCOLADAS NAS SESSÕES DE MUSICOTERAPIA

No início do estudo dos dados, realizou-se uma comparação entre três categorias de documentos nos quais se encontravam registradas apontamentos sobre a vida musical dos alunos participantes da pesquisa. Foram consideradas as informações reunidas nos protocolos de observação destinados ao registro das sessões de musicoterapia, no diário de campo da estagiária e nas fichas musicoterápicas (FM), documento preenchido no início do ano letivo pelos pais.

No que se referiu à composição do repertório dos alunos atendidos observou-se, no conjunto dos documentos, que:

- a) Três pais e/ou responsáveis tinham conhecimento do interesse musical dos seus filhos;
- b) Dois pais e/ou responsáveis demonstram que as crianças escutavam apenas o que os pais e ou responsáveis escolhiam e não externavam suas preferências;
- c) Dos cinco restantes, três não retornaram a FM o que não nos permitiu fazer a comparação;

Já no que se referiu aos dados registrados nos protocolos de observação, optou-se por mostrar os resultados em imagens gráficas. Esta maneira pode facilitar a interpretação e a visualização dos fatos observados. Compreendeu-se também que o número de alunos aqui selecionados foi representativo dentro do universo desta pesquisa e a pretensão de generalizações esteve fora dos objetivos deste estudo.

A partir destes esclarecimentos, passa-se a mostrar e comentar os dados registrados nas quarenta e sessões de musicoterapia observadas. Seguem abaixo reflexões e imagens do Gráfico I, referentes às categorias “músicas sugeridas pelas crianças”, “aceitação de músicas sugeridas pelo estagiário” e “expressão em improvisação musical”:

Categoria: Sugestão de músicas pelas crianças:

- a) Sugestão espontânea de músicas: em trinta e três sessões houve sugestões de músicas quer seja verbalmente, por meio de gestos ou através de comunicação alternativa aumentativa (pastas de comunicação ou quadros de comunicação-seis alunos).
- b) Ausência de sugestão espontânea de músicas: em dezesseis sessões não houve expressão espontânea (dois alunos)

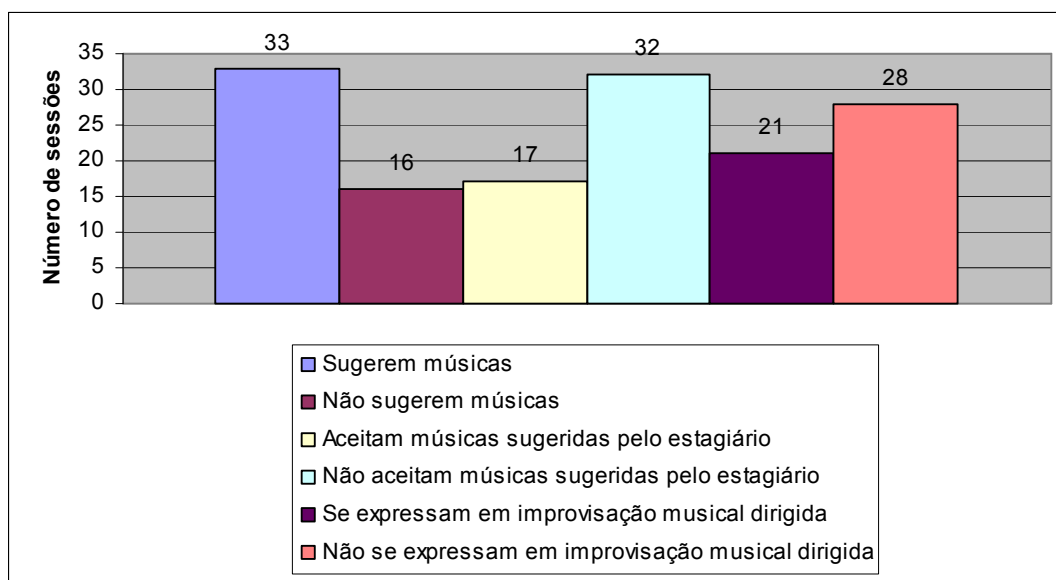
Categoria: Aceitação de músicas sugeridas

- c) Aceitação das músicas sugeridas pelo estagiário de musicoterapia (EM:) houve receptividade as músicas sugeridas no total de dezessete sessões (três alunos).
- d) Não aceitação das músicas sugeridas pelo EM: não existiu receptividade às músicas sugeridas pelo estagiário em trinta e duas sessões.

Categoria: Improvisação musical:

- e) Expressam-se em improvisação musical dirigida: em vinte e uma sessões existiram manifestações de improvisação musical dirigida (quatro alunos).
- f) Não se expressam em improvisação musical dirigida: em vinte e oito sessões não existiram manifestações em improvisação musical dirigida (dois alunos não se expressaram em improvisação dirigida por dificuldades motoras e dois por vontade própria).

GRÁFICO I – DESEMPENHO E INTERAÇÕES MUSICAIS



Quanto aos instrumentais musicais de preferência dos alunos participantes, observou-se que:

- a) quatro alunos preferiam instrumentos de percussão de pele: zabumba, timba, tambores e caixas;
- b) Três preferiam o teclado eletrônico;

- c) Um preferia instrumento de percussão metálico.

MANIFESTAÇÕES EMOCIONAIS DAS CRIANÇAS FRENTE A MUSICA NAS SESSÕES DE MUSICOTERAPIA

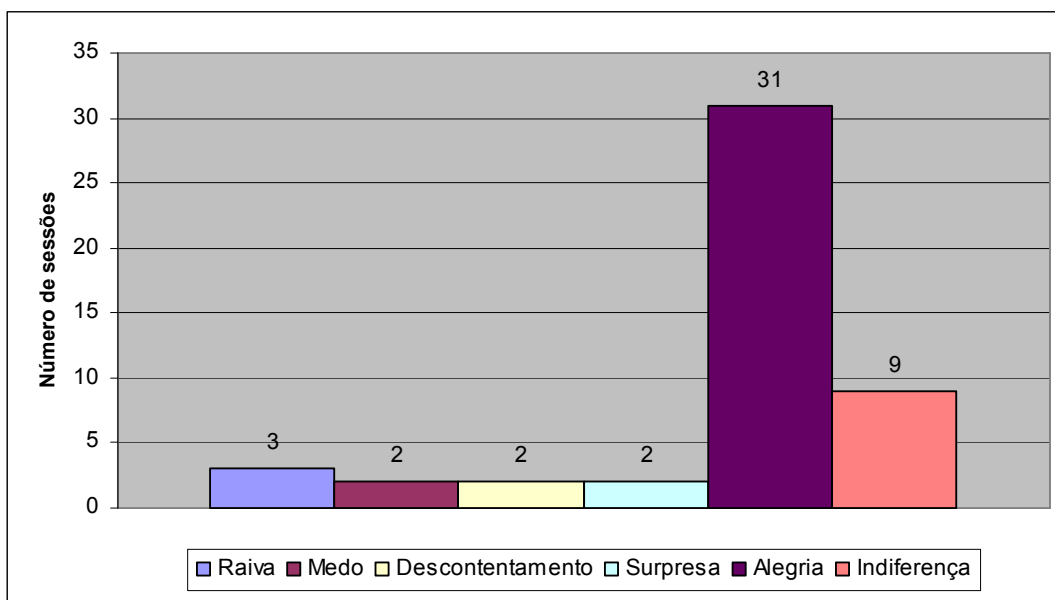
Foram observadas as manifestações emocionais das crianças, por meio da expressão facial, no decorrer das atividades musicais. Para categorizar as manifestações emocionais das crianças frente à música utilizaram-se as expressões faciais básicas e universais descritas por Charles Darwin em seu trabalho intitulado “A Expressão das Emoções nos Homens e Animais” de 1872. Essas expressões foram identificadas e categorizadas por serem consideradas como sinalizadoras de sentimentos, necessidades e desejos que são fundamentais para a sobrevivência e, portanto, baseadas na evolução biológica das espécies.

Entre as manifestações emocionais observadas, foram selecionadas as seguintes: raiva, medo, descontentamento, surpresa, alegria e indiferença. O Gráfico II apresenta as expressões citadas³:

- a) De raiva: em três sessões apareceram manifestações de raiva. Possível causa: a inserção da música pretendia uma ação diretiva que requeria uma determinada resposta por parte do aluno.
- b) De medo: em duas sessões observaram-se manifestações de medo. Possível causa: um aluno se percebeu frente à possibilidade de expressão de elementos de sua realidade interna.
- c) De descontentamento: em duas sessões houve manifestações de descontentamento. Possível causa: foram percebidas ao término da sessão quando um aluno demonstrou descontentamento com este fato.
- d) De surpresa: em duas sessões se registrou a manifestação de surpresa. Possível causa: de um aluno, ao por se defrontar a conteúdos significativos perante uma canção; outro aluno, frente ao silêncio permitido na sessão.

³ Alguns alunos durante a mesma sessão tiveram mais de uma expressão.

- e) De alegria: na maioria das sessões (31) a metade dos alunos manifestou expressões faciais de alegria. Possível causa: descontração na comunicação musical.
- f) De indiferença: em nove sessões, dois alunos demonstraram indiferença. Possível causa: um aluno, devido a seu baixo limiar de frustração. O outro aluno, por apresentar dificuldade de relacionamento quando surgiram expressões ou elementos de sua vivência cotidiana.

GRÁFICO II – EXPRESSÕES EMOCIONAIS FRENTE À MÚSICA

MANIFESTAÇÕES COGNITIVAS DAS CRIANÇAS FRENTE À MÚSICA NAS SESSÕES DE MUSICOTERAPIA

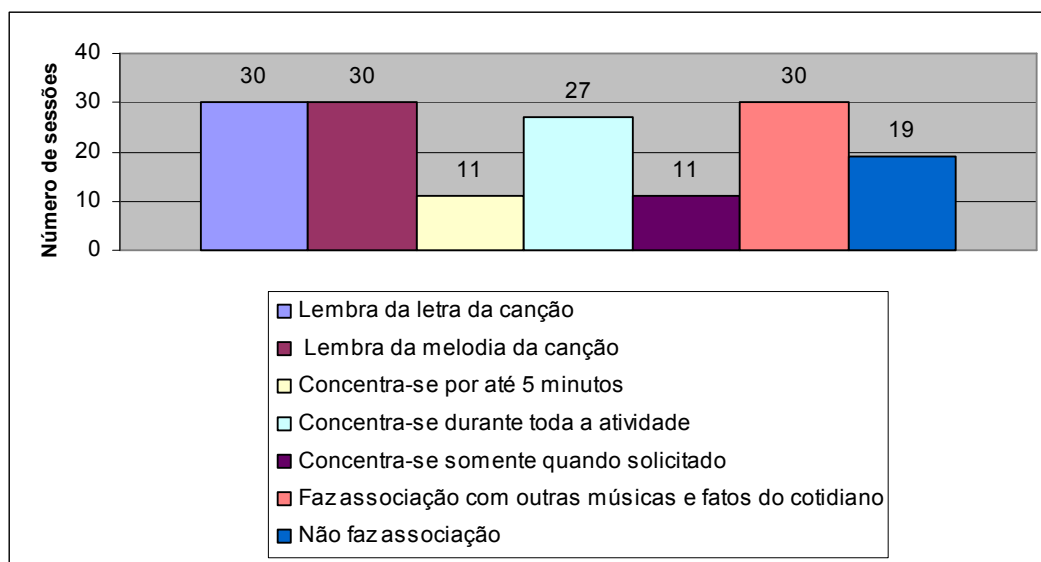
A seguir serão relatados os dados coletados a partir das observações feitas nas quarenta e nove sessões de Musicoterapia no que se refere às manifestações cognitivas das crianças enquanto interagiam por meio das músicas. As manifestações aqui relatadas encontram-se representadas no Gráfico III:

- a) Quanto à memória: Ao analisar-se o gráfico abaixo se percebe que em trinta sessões, cinco alunos dos oito estudados lembraram-se da melodia e da letra das canções que eram utilizadas no processo. Este fato foi percebido através das manifestações e/ou

demonstrações verbais e gestuais dos alunos. Dos três alunos que não se lembraram das canções, um deles não se manifesta verbalmente ou gestualmente, (TID – Autismo) e os outros dois apresentavam dificuldades de expressão ou mesmo ausência de interesse em fazê-lo (Síndrome do X Frágil e THDI).

- b) Quanto a manter a atenção durante a atividade: constatou-se que em vinte e sete sessões, quatro alunos mantiveram a atenção por toda a atividade. Em onze sessões outros três alunos ficaram atentos apenas quando solicitados. Em onze sessões outros dois fixaram poucos à atenção e um destes alunos somente o fez quando solicitado.
- c) Quanto à possibilidade e concretização de associações entre a música, a melodia e/ou fatos do cotidiano: percebeu-se que em trinta sessões a maioria dos alunos realizou associações e demonstrou tal fato através de comentários e manifestações musicais.

GRÁFICO III – MANIFESTAÇÕES COGNITIVAS FRENTE À MÚSICA



RESULTADOS ENCONTRADOS A PARTIR DAS OBSERVAÇÕES NAS AULAS DE EDUCAÇÃO MUSICAL

Durante o período analisado foram observadas cinquenta e nove aulas de educação musical das séries onde se encontram inseridos os alunos que participaram deste estudo. Nas aulas de Educação Musical observadas foram trabalhados os seguintes conteúdos: noções

básicas de escrita e leitura musical, introdução ao Método Kodally de leitura musical, prática musical de instrumento (flauta), oficina de instrumentos de sucata para o 3º ano. No 2º ano trabalharam-se os jogos e brincadeiras musicais e jogos musicais com o corpo. Nas duas turmas também se tratou do repertório para apresentação em festa interna na escola para comemoração do Dia das Mães.

Nos gráficos que se seguem foram disponibilizados dados que mostraram as manifestações dos mesmos alunos atendidos em musicoterapia, porém, em situação social diferente, ou seja, em sala de aula e um trabalho em grupo. Segundo o gráfico IV observou-se, de acordo com as categorias, que:

Categoria: Sugestão de músicas pelas crianças:

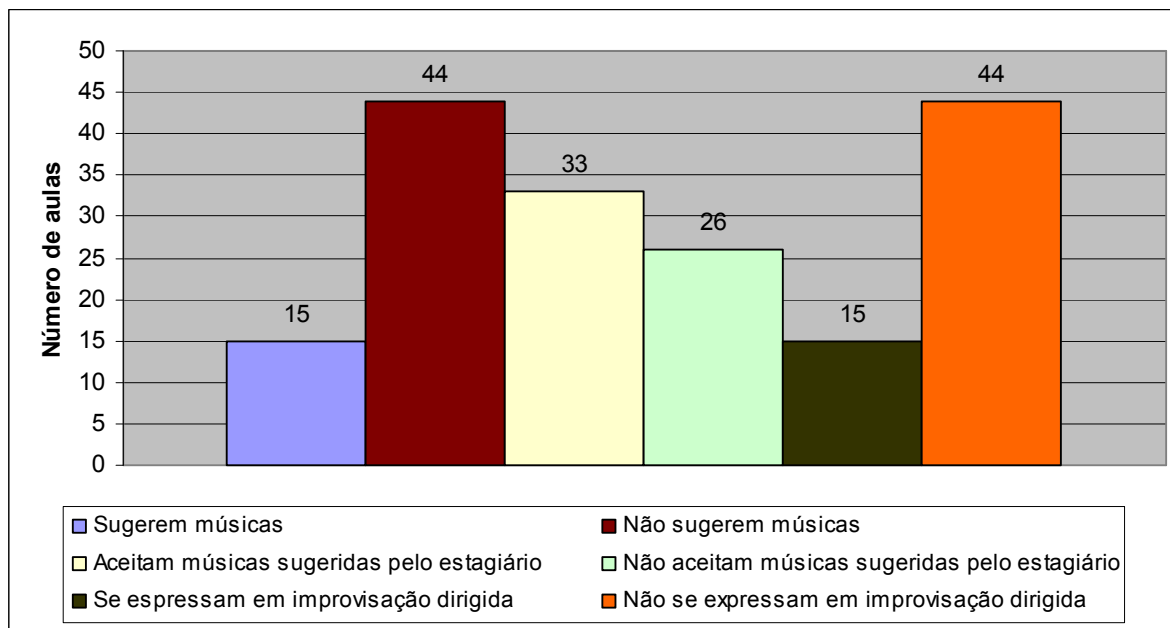
- a) Sugestão espontânea de músicas: observou-se que em quinze aulas das cinquenta e nove observadas; existiram manifestações espontâneas de sugestão musical durante a aula (dois alunos).
- b) Ausência de sugestão espontânea de música: em quarenta e quatro aulas, (seis alunos).

Categoria: Aceitação de músicas sugeridas

- c) Aceitação das músicas trazidas pela professora de educação musical: em trinta e três aulas os alunos acataram as sugestões (cinco alunos).
- d) Não aceitação das músicas trazidas pela professora: observou-se que em vinte e seis aulas existiram expressões de desagrado quanto às músicas sugeridas (quatro alunos).

Categoria: Improvisação musical

- e) Expressão de improvisação dirigida: constatou-se que em quinze aulas existiram expressões em improvisação dirigida (dois alunos).
- f) Em quarenta e quatro aulas observou-se a não expressão em improvisação dirigida (seis alunos).

GRÁFICO IV – DESEMPENHO E INTERAÇÕES MUSICAIS

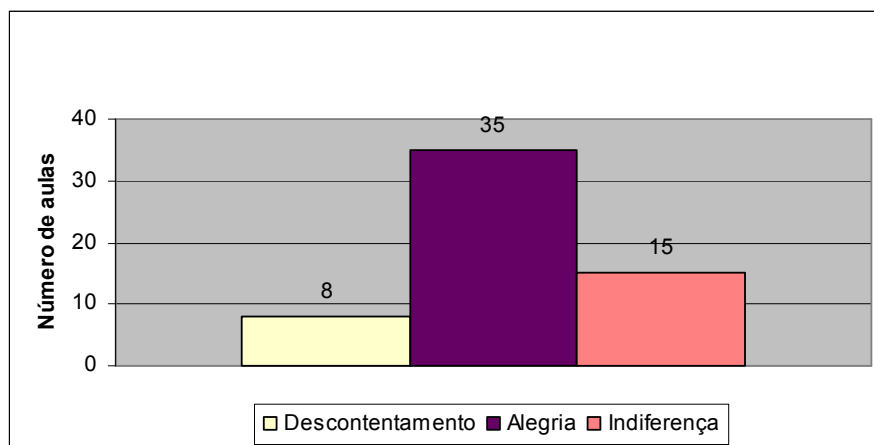
MANIFESTAÇÕES EMOCIONAIS DAS CRIANÇAS FRENTE À MÚSICA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO MUSICAL

Nas aulas de educação musical três tipos de manifestações faciais se destacaram: descontentamento, alegria e indiferença, conforme pode ser observado no Gráfico V. Expressões faciais de raiva, medo, surpresa não foram observadas durante as aulas.

- a) De descontentamento: em oito aulas apareceram demonstrações de descontentamento (por dois alunos). Possível causa: por não desejarem executar a atividade do dia e as outras sete pela baixa tolerância a permanência em sala de aula.
- b) De alegria: em trinta e cinco aulas perceberam-se demonstrações de alegria (por seis alunos). Possível causa: na maioria das vezes os alunos se mostravam alegres em participar das atividades musicais.
- c) De indiferença: em quinze aulas (por três alunos). Possíveis causas: seis destas manifestações foram expressas por um aluno que não participava das atividades devido às limitações inerentes ao seu quadro. Outras seis vezes, a manifestação se deu pela incapacidade de socialização de um aluno nas aulas. Ele se

mantinha afastado dos demais colegas. Em outras três oportunidades, outro aluno que não queria desenvolver as atividades propostas.

GRÁFICO V – EXPRESSÕES EMOCIONAIS FRENTE À MÚSICA



MANIFESTAÇÕES COGNITIVAS DAS CRIANÇAS FRENTE À MÚSICA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO MUSICAL

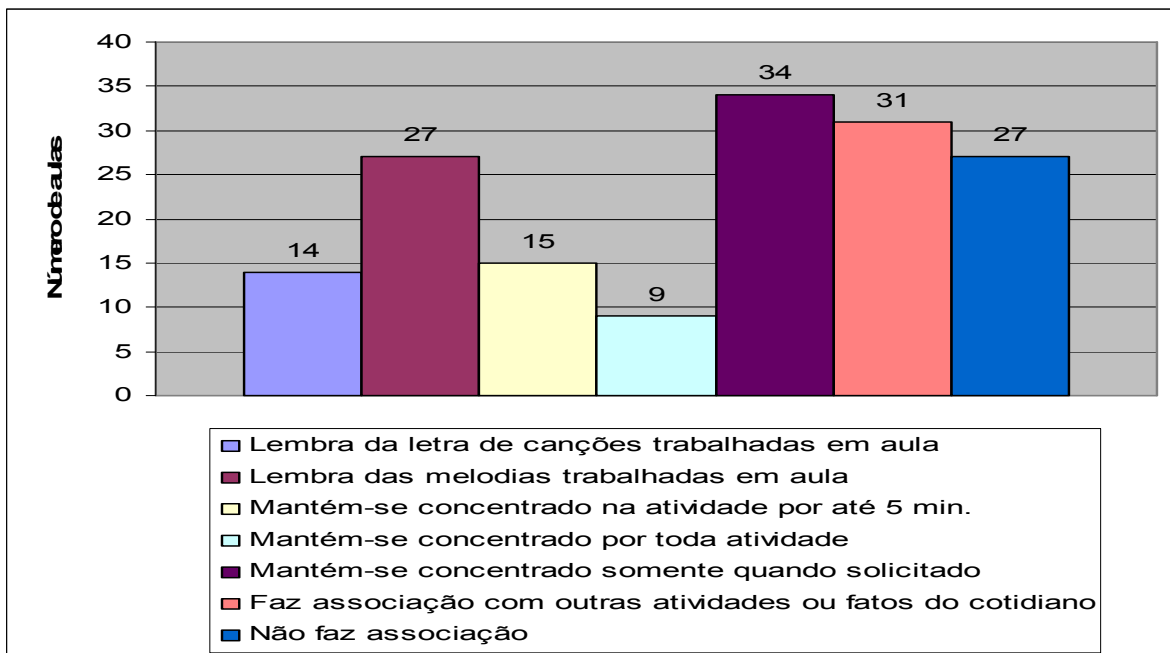
No que tangente as manifestações cognitivas das crianças manifestadas nas aulas de música, de acordo com o Gráfico VI, observou-se que:

- a) Quanto à memória: percebeu-se que em quatorze aulas três alunos lembraram as letras das canções propostas, em outras vinte e sete não se percebeu manifestações de lembrança de conhecimento anterior das melodias propostas (três alunos na maioria dos encontros). Em dezoito aulas não foi possível averiguar ora por não ter como verificar se os alunos lembravam ou não das letras por sua incapacidade de comunicação ou por falta dos mesmos na sala de aula.
- b) Quanto à concentração: notou-se que em quinze aulas a concentração apresentada durou em média cinco minutos (uma manifestação em um aluno, e durante todas as aulas observadas em dois alunos). Em outras nove aulas a concentração foi mantida

durante toda a atividade por dois alunos. O restante de trinta e quatro aulas foi observado o baixo índice de concentração destes alunos nas atividades desenvolvidas, onde os mesmos só se mantinham concentrados quando motivados e observados individualmente pelo professor. Em uma ocasião não foi possível observar este item pela ausência do aluno na atividade.

- c) Quanto à possibilidade e concretização de associações entre a música, a melodia e/ou fatos do cotidiano: percebeu-se que em trinta e uma aulas os alunos foram capazes de fazer tal raciocínio (três alunos). Nas outras vinte e sete aulas, dois alunos não demonstravam fazer esta relação talvez pela falta de interesse demonstrada nas atividades. Outros dois não demonstraram qualquer reação de associação.

GRÁFICO VI – MANIFESTAÇÕES COGNITIVAS FRENTE À MÚSICA



Neste estudo foram apresentadas reflexões sobre as sonoridades que permearam atividades de educação musical e de musicoterapia em uma na escola cuja filosofia didático-

pedagógica estava norteadada pelo princípio da inclusão. A música se colocou como uma estratégia de ação que expandiu as possibilidades de expressão emocional e da atividade cognitiva das crianças tanto nas aulas como nas intervenções terapêuticas. A análise dos dados e dos elementos investigados revelou aspectos singulares referentes ao grupo de alunos aqui pesquisado quando estes se manifestaram por meio das atividades musicais.

Desde o contato com os pais, na busca pela anuência para a realização da pesquisa, percebeu-se que as respostas das famílias referentes à vida musical dos alunos apontaram elementos do convívio social intergeracional. Os pais que participavam da rotina cotidiana dos filhos mostraram conhecer o repertório musical do interesse dos mesmos. Esses elementos parecem favorecer a convivência familiar já que a arte faz parte das manifestações da existência humana e revela outra forma de estar e de se expressar no mundo.

Estas pautas identitárias também emergiram em situações nas quais os alunos se manifestaram por meio de sonoridades, ritmos e melodias, nas sessões de musicoterapia. Observou-se que, nos encontros terapêuticos, a música mediou de forma contraditória à expressão emocional de alegria e de indiferença. Este fato mostrou que, por mais prazerosa que possa ser a atividade musical, esta também pode desencadear sentimentos relativos a outras emoções que não só a alegria e a satisfação. Já nas aulas de educação percebeu-se um maior número de manifestações de descontentamento e indiferença ora por alguns alunos não conseguirem desenvolver as atividades sugeridas, ora por não se inserirem no grupo. Essas manifestações no trabalho individual foram amenizadas através da intervenção especializada da estagiária de Musicoterapia e da sua escuta diferenciada. Estas ações propiciavam uma maior proximidade com os alunos atendendo sua necessidade de validação pessoal e emocional o que proporcionava um maior empenho em realizar as atividades sugeridas ou mesmo da autoexpressão musical.

Outra contradição que se destacou na visualização gráfica foi à manifestação cognitiva mnemônica. Ao mesmo tempo em que se lembrar da letra das canções foi uma ação presente, não lembrar também foi uma atitude constante. Novamente vemos aqui a necessidade de autoafirmação e comprovação que estes alunos requerem. Quando estimulados ou iniciados na memorização, a lembrança se manifestava.

Ainda referente às manifestações cognitivas, percebeu-se que as atividades musicais eliciaram nas ações musicoterapêuticas, limiares de atenção e concentração no decorrer de todo o encontro. Os alunos faziam associações das músicas a fatos de suas vivências concretas e também aos temas de outras canções. Mesmo com todas as impossibilidades e dificuldades apresentadas pelos alunos, a música mostrou-se como um elemento capaz de provocar associações com fatos do cotidiano o que permitiu a ativação das condições cognitivas desses alunos. Esta atitude mostrou a dinâmica imaginativa desencadeada pelas atividades criativas musicais, pois nestas o aluno se sente aliviado das pressões de desempenho acadêmico comparativo que estão expostos. Além disto, a dimensão lúdica confere sentido, significado as situações e vivências cotidianas, através do exercício das quatro funções psicológicas específicas: a sensação, o pensamento, a intuição e o sentimento. Isto possibilita que este aluno esteja no mundo de forma mais plena, através de sua produção e do olhar para a mesma.

Nas aulas de educação musical os mesmos alunos apresentaram manifestações peculiares quando agiam por meio da música. Eles mais acataram sugestões de canções do que sugeriram músicas. A ausência de expressão livre em improvisações dirigidas foi preponderante. Estas manifestações mostraram que em situações grupais como nas aulas de Educação Musical ou quaisquer outras matérias contempladas no currículo escolar o engessamento deste mesmo currículo impede que os alunos se manifestem e/ou tenham suas manifestações atendidas. Por outro lado nos atendimentos musicoterápicos as individualizações são incentivadas e aceitas.

Quanto às manifestações emocionais percebeu-se que também nas aulas a alegria esteve contraposta à indiferença, conforme aconteceu nas sessões de musicoterapia. Este fato revelou a necessidade de maior grau de atenção por parte do professor em relação a esses alunos para que sua participação possa ser mais efetiva. Porém em uma sala com muitos alunos se torna quase que impossível ao professor conceder atenção individualizada a todos. Nas aulas de Educação Musical se percebeu que as manifestações de descontentamento estavam ligadas a impossibilidade do aluno em se inserir na sua turma. Devido à baixa estima dos mesmos estes não se dispunham a desenvolver as atividades para não sofrer comparações

entre os colegas. Nestes momentos a expressão de indiferença se fazia presente nos alunos com necessidades especiais.

As manifestações de alegria foram expressas na maioria das vezes e isto foi perceptível pelo grande prazer que a maioria das crianças demonstra em estar realizando a atividade musical em grupo, mostrando mais uma vez que a música é uma atividade de grande contribuição para a socialização e realização de processos grupais de aceitação e inclusão.

Chamou a atenção o fato de que nas aulas de música houve concentração por parte destes alunos; apenas quando foram chamados à participação. Isso pode ser explicado segundo ao problema cognitivo ligado as patologias ou mesmo ao baixo limiar de concentração que estes alunos demonstram em atividades grupais. Também pode ser um indicativo de que alguns alunos em inclusão possam se beneficiar do acompanhamento de Atendentes Terapêuticos (AT) que acompanhem este aluno não só em suas necessidades de locomoção, alimentação e higiene como estabelecido em lei. Os AT, durante as atividades desenvolvidas em grupo, facilitariam a realização de atividades ao incentivar a concentração e socialização desses alunos, o que possibilitaria um melhor aproveitamento dos espaços e horários de interação musical.

Em síntese, os elementos aqui investigados revelaram aspectos singulares referentes ao grupo de alunos pesquisados. Entre estes se destacam os seguintes:

- a) Apesar das limitações causadas pelas diferentes patologias, através da musica foi possível o estabelecimento de pautas comunicativas e a concretização de interações e expressões pessoais.
- b) Em alguns casos a postura rígida quanto à adoção de um novo repertório (músicas sugeridas pelo EM e não aceitas pelas crianças) poderia estar relacionada com o quadro patológico. Nestes casos os alunos retomam seus temas preferidos.
- c) Nos casos de não expressão nas improvisações dirigidas, percebeu-se que as crianças estavam impedidas de manifestarem-se por dificuldades e/ou impossibilidades motoras e cognitivas.
- d) A preferência por membranofones (instrumentos recobertos por uma

membrana estendida sobre a abertura) foi relatada por Benenzon (1985) pelas particularidades destes instrumentos como: o simples manejo e deslocamento, não requerem conhecimento musical anterior, sua sonoridade é potente e agradável e de profundo primitivismo, tende a imitar os batimentos cardíacos, estimula a comunicação com o outro, são instrumentos líderes ou objeto integrador, produzem sonoridades também quando acariciados, roçados, raspados.

Pretendeu-se através destas reflexões a divulgação e socialização dos conhecimentos aqui construídos. Existe ainda uma abertura para discussão de outros tópicos relevantes para a efetiva integração dos alunos de inclusão e/ou com necessidades especiais dentro da escola. As possibilidades de manifestações expressões individuais por meio das atividades artísticas é um universo a ser explorado em futuros estudos. Almeja-se que a valorização das manifestações artísticas na inclusão como também a ampliação da ação musicoterapêutica no ambiente escolar se torne uma realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENZON, Rolando O. *Manual de Musicoterapia*; tradução de Clementina Nastari – Rio de Janeiro: Enelivros, 1985.

MENDES, Enicéia; NENES, Tânia. *Conselhos de defesa de direitos da pessoa com deficiência*. Perspectivas Multidisciplinares em Educação Especial. Almeida M. e Marquezine M. (Orgs). Londrina: UEL, 2001, p.35-52.

MENDES, Enicéia. *A inclusão de alunos com deficiência na escola regular*. Perspectivas Multidisciplinares em Educação Especial. Almeida M. e Marquezine M. (Orgs). Londrina: UEL, 2001, p. 127-126.

_____. *Perspectivas Multidisciplinares em Educação Especial*. Almeida M. e Marquezine M. (Orgs). Londrina: UEL, 2001.

SEKEFF, Maria de Lourdes. *Da música, seus usos e recursos*. São Paulo: UNESP, 2002.